

A REPRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA EM *O FILHO DA MÃE*, DE BERNARDO CARVALHO

JÉSSICA VAZ DE MATTOS¹; AULUS MANDAGARÁ MARTINS²;

¹Universidade Federal de Pelotas – jessicamattos@me.com

²Universidade Federal de Pelotas – aulus.mm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho estuda a forma como se dá a representação da história na obra literária *O filho da mãe* (2009), de Bernardo Carvalho. Para tanto, é necessário entender, primeiramente, o conceito de representação aqui utilizado e, em seguida, o que entendemos por história e por literatura, já que trabalhamos com ambos discursos por pertencermos ao âmbito da Literatura Comparada.

Em primeiro lugar, entendemos que representar é referir, por meio da linguagem, a algo que está fora do texto e que pode ser chamado, genericamente, de realidade. Contudo, há que se ter em conta que se *algo* é representado, o é por meio de *alguém*, e que este alguém é um *sujeito* que faz um recorte (temporal, espacial, social, etc.) do que quer como objeto a partir de seu lugar (ideológico) no mundo; sua escolha, portanto, nunca é neutra ou imparcial, e isso favorece nossa compreensão dos motivos pelos quais tal objeto é representado de tal forma. Em segundo lugar, entendemos história como “a forma intelectual na qual uma civilização presta contas a si mesma a respeito de seu próprio passado”, definição de Johan Huizinga apresentada por DETIENNE (2004). A partir disso entendemos, por fim, literatura também como uma forma de “prestar contas”, do passado ou do presente de uma sociedade, considerando, entretanto, que o modo pelo qual o faz é distinto, pois que se trata de outro discurso, fortemente ligado à questão estética de “obra de arte”, cujo trabalho com a linguagem se dá de uma forma distinta daquele do texto historiográfico.

Partindo do pressuposto de que a literatura tem o compromisso de lidar esteticamente com o ato de “prestar contas” à sociedade sobre determinado assunto ou acontecimento, o presente estudo busca verificar de que forma Carvalho dá conta dessa tarefa em sua narrativa literária.

Ao longo da trama, o escritor dá voz a “filhos da mãe” que se encontram na cidade de São Petersburgo em meio a uma guerra contra a Tchetchênia. As personagens escolhidas para esta análise são Ruslan e Andrei e, a partir delas, pretendemos mostrar como a história é representada no texto – não tanto por ter como espaço diegético o ambiente da Guerra da Tchetchênia (2ª Guerra: 1999-2009), junto à problemática étnica de uma região construída em meio a conflitos, mas por considerar e dar voz, também, a uma minoria, classificada como homossexual, num contexto em que, de modo geral, ela não se manifesta. As duas personagens representam situações de conflito e, apesar de tentarem um relacionamento, por motivos diferentes, acabam não sobrevivendo em um lugar hostil, autoritário e opressor (cultivado não apenas por esta guerra, mas ao longo dos séculos) a que estão submetidos – neste caso, a sociedade russa, conforme representada no romance.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica, em que estudamos o referido texto de Bernardo Carvalho, bem como o aporte teórico da área de história e de literatura, procurando, com isso, relacionar os dois discursos. Com isso, parece-nos possível dar conta do texto literário a partir de um horizonte de possibilidades interpretativas que se mostra muito maior, se comparado aos que não utilizam desta “ferramenta metodológica” que é o comparativismo.

Tal análise só foi possível a partir do caminho já trilhado pelos estudiosos BACCEGA (2011) e ROCHA (2013), a respeito das semelhanças e diferenças dos discursos histórico e literário; NUÑEZ (2013) e CHARTIER (2013; 2002), sobre representação e papel desses dois discursos; LÖWY (2005), a respeito da obra de Walter Benjamin e seu olhar para o passado pela redenção dos oprimidos; DETIENNE (2004), a respeito do discurso historiográfico; e COSTA LIMA (2006) e DALCASTAGNÈ (2008), acerca do papel da literatura.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando Carvalho escolhe problematizar a vida de Andrei, um jovem que é recrutado pelo exército russo e obrigado a se prostituir para salvar as finanças da instituição, efetuando, com o dinheiro da prostituição, o pagamento dos oficiais, traz à tona a autoridade de uma parte da sociedade que oprime os indivíduos, ignorando seus interesses pessoais e passando por cima de seu livre-arbítrio. Esse tipo de situação acontece diariamente, nos mais variados meios sociais, e não escapa ao escritor, do mesmo modo que não escapa um tipo como o de Ruslan, abandonado pela mãe ainda bebê, rejeitado e posteriormente morto por seu irmão, Maksim, já na idade adulta, quando vai à São Petersburgo em busca de sua mãe, apenas pelo fato de ter nascido no Cáucaso e, portanto, não ser russo. Ele é a figura do estranho construída à distância (DALCASTAGNÈ, 2008).

Observamos no texto de Carvalho a realidade de sujeitos que estão presos a um contexto opressor, em que uma guerra — ainda que movida por questões políticas, é também influenciada por disputas étnicas, sociais e/ou políticas e que, devido à natureza deste trabalho, não cabem ser aqui discutidas — permeia e influencia diretamente suas vidas, determinando um destino violento e, inevitavelmente, trágico.

Podemos pensar, portanto, que seria este um papel da literatura: representar determinados saberes sobre o mundo, levantando questionamentos a fim de intervir, de fato, na sociedade, ou melhor, na cultura de determinado lugar. E é possível pensar que este é, também, um papel do discurso da história, porque quando buscamos estudar o passado, tentamos compreendê-lo enquanto “construtor do nosso presente, o qual já traz em si o futuro; buscamos avaliar, interpretar como ocorreram as transformações do homem no seu relacionamento com o mundo, no processo de construção das sociedades” (BACCEGA, 2011, p.51). Contudo, para que essa compreensão efetivamente ocorra, é preciso ter “ouvidos para ouvir” e “olhos para ver” a história dos vencidos, daqueles que foram silenciados pela força — as minorias representadas aqui por Ruslan e Andrei. Nesse sentido, torna-se inevitável pensar na ideia de redenção defendida por Walter Benjamin, em que somente rememorando historicamente as vítimas do passado será possível a emancipação dos oprimidos ou, ainda, como acrescenta LÖWY (2005), ao dizer que não há luta pelo futuro sem memória do passado.

Assim, notamos que o autor tenta representar, em seu texto, a situação de duas personagens que fazem parte de um grupo de oprimidos, considerando que,

se não se pensar a respeito disso, não poderá haver uma mudança social significativa no futuro. O autor apresenta o casal, Ruslan e Andrei, relacionando-o à figura da quimera¹, o que dá, de início, pelo menos dois tons à narrativa: ou o de mau agouro, típico dessa figura mítica, ou o de fantasia, ilusão, utopia. Assim, tem-se uma ideia do que está por vir no decorrer do texto e, daí em diante, não é difícil prever o trágico que se aproxima. A referência ao trágico aqui se dá pelo desfecho da trama: ainda que as duas personagens sigam rumos diferentes — Andrei, como recruta, segue servindo ao exército russo forçosamente e é morto em campo, quando tenta se aproximar para ver um potro com duas cabeças e é atingido por várias balas, vindas do dono do animal (a quimera); Ruslan é morto em emboscada planejada pelo irmão, em que este e mais cinco amigos se juntam para matá-lo a pancadas —, depois de viverem juntas por um breve período, não conseguem sobreviver neste contexto hostil e autoritário, representado por essa sociedade que vive, há séculos, em conflito.

Ao representar este casal-quimera em seu texto ficcional, Carvalho tenta “apaziguar as feridas de um passado injusto e cruel”, parafraseando CHARTIER (2013), mas também as feridas que estão cicatrizando em nosso presente, para que as vítimas deste tempo possam, em um futuro próximo, descansar.

4. CONCLUSÕES

Finalmente, podemos retomar a questão do papel que desempenham os discursos aqui estudados, cada um a seu modo. Seria interessante pensar no que aponta COSTA LIMA (2006) a respeito da literatura, ao propor que ela “é movida pela imaginação quando dotada da capacidade de co-mover, de conduzir o receptor a questionar emocionalmente as instituições sociais que o acompanham”. A ideia de *comoção*, bem utilizada pelo estudioso, lembra a de *locomoção*, ou seja, ir de um lugar a outro, sair do lugar em que está: é a imaginação, neste caso, que proporciona o deslocamento, e a imaginação é ativada *na* e *pela* leitura.

Considerando que uma tarefa da arte pode ser a de “questionar seu tempo e a si mesma, nem que seja através do questionamento do nosso próprio olhar” (DALCASTAGNÈ, 2013), pode-se concluir que, nO *filho da mãe*, Bernardo Carvalho consegue dar conta desse questionamento, ou seja, mesmo vivendo em meio a uma sociedade — poderíamos arriscar *ocidental* — cujo preconceito para com as mais diversas manifestações (étnicas ou raciais, de classe, de gênero) é histórica e socialmente construído e “legitimado”, e mesmo fazendo parte dela,

¹ Tal leitura se justifica, visto que o amor entre as duas personagens não pode acontecer porque elas são iguais, i.e., do mesmo sexo, e um relacionamento homoafetivo no contexto opressor da narrativa não tem condições de sobreviver. Observe-se o trecho a seguir, referente à carta que Ruslan deixa a Andrei antes de partir, supostamente ao encontro da mãe, mas, sem saber, ao encontro do irmão com seu grupo reunido para matá-lo: “Quando eu era pequeno, viajando pelas montanhas com o meu pai, para conhecer a terra dos seus antepassados, passamos por uma casa onde havia nascido um animal que era dois sem ser nenhum. Uma égua dera à luz um potro no qual estavam misturados dois embriões. A isso chamam quimera, como depois eu ia aprender na faculdade. Era um animal estranho, parecia um potro, mas era outra coisa, dois fundidos num só, indistintos. Não conseguia ficar em pé. As quimeras são raras e os pastores nas montanhas as veem como portadoras de mau agouro, porque põem a reprodução num impasse, fazem da reprodução uma monstruosidade. Por isso, quando esses animais não morrem ao nascer, os próprios camponeses se encarregam de lhes dar um fim (...) As quimeras morrem para que sobreviva o pacto dos que não podem contar nem com Deus nem com os anjos” (CARVALHO, 2009, p.160-161).

tenta representar, na literatura, os problemas que acompanha — ainda que não *de dentro*. Assim, como últimas considerações, parece-nos importante retomar, uma vez mais, CHARTIER (2002), porque considera a obra literária um “recurso para pensar o essencial: a construção do laço social, a consciência de si, a relação com o sagrado”. Daí a necessidade de ler e de trabalhar com literatura — e, mais ainda, com Literatura Comparada — fomentando, com isso, a possibilidade de que tais pensamentos surjam, se multipliquem e sejam disseminados para que, num futuro não tão longínquo, não seja mais preciso representá-los, pelo menos não enquanto problemas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso. História e literatura**. São Paulo: Editora Ática, 2011.

CARVALHO, Bernardo. **O filho da mãe**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

_____. O passado no presente. Ficção, história e memória. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org). **Roger Chartier. A força das representações: história e ficção**. Chapecó: Argos, 2013.

_____. Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org). **Roger Chartier. A força das representações: história e ficção**. Chapecó: Argos, 2013.

COSTA LIMA, Luiz. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DALCASTAGNÈ, Regina (org). **Ver e imaginar o outro. Alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2008.

DETIENNE, Marcel. **Comparar o incomparável**. Aparecida: Idéias & Letras, 2004.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”**. São Paulo: Boitempo, 2005.

NUÑEZ, Carlinda. Intervenção — debate do texto “Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas”. In: ROCHA, J. C. de C. (Org). **Roger Chartier. A força das representações: história e ficção**. Chapecó: Argos, 2013.

ROCHA, João Cezar de Castro (org). **Roger Chartier. A força das representações: história e ficção**. Chapecó: Argos, 2013.